

05

LENDAS, MISTICISMO E CRENÇAS
POPULARES SOBRE MANGUEZAIS

AUTORES

Ádria C. Freitas, Ivo S. Cardoso, Márcio C.A. João, Nicholas Kriegler & Marcelo A. A. Pinheiro

PALAVRAS-CHAVE

crendice, entidade, lenda, mito, popular

Mitos, lendas, rituais, crendices e outros elementos fazem parte do folclore mundial. Como bem diz Eunice Durham (1986 *apud* Monteiro, 2000), o folclore “constitui um sistema de representações, costumes, tradições, crenças, mitos e formas de manifestação artística que exprimem um modo de vida particular, um meio de interpretar a realidade social e o ambiente geográfico, de ordenar a vida em sociedade e de exprimir os valores básicos da cultura.”. Assim, os elementos do passado somente persistem se puderem expressar realidades presentes, mantendo-se conservados enquanto integrados em sistemas, como é o caso do folclore em relação ao ecossistema manguezal, que se baseia na relação homem-natureza, onde lendas e mitos possuem um papel extremamente importante.

Cascudo (2009) afirma que o mito, assim como outras manifestações poéticas orais, apresenta peculiaridades que revelam informações históricas, sociais e etnográficas, constituindo-se em documento vivo. Além disso, tais manifestações orais constituem poderosos instrumentos educacionais, atuando como ferramentas que tornam possível o uso inteligente dos recursos naturais (Vanucci, 2003).

Embora as lendas sejam numerosas e variadas, apenas recentemente o homem urbano tem se preocupado em averiguar se existe alguma veracidade nas lendas e superstições regionais que vêm sendo transmitidas oralmente por gerações. Nesse contexto, é importante destacar a presença de lendas que comumente são originárias de expressões, como visagens e crendices, simbolizadas por elementos da natureza como o vento, o fogo, a água, os animais e as formas humanas, sendo estes dois últimos dotados de especial misticismo. Por conseguinte, se faz necessário esclarecer a diferença entre *lenda* e *mito*, que na maioria das vezes, simplória e equivocadamente são tidos, como sinônimos. No entanto, existe uma linha tênue entre ambos, sendo os pontos mais relevantes destacados a seguir.

Lenda é uma palavra originária do latim “*legenda*”, provinda do verbo “*legere*” (ler), recebendo este nome em alusão às leituras feitas em mosteiros sobre a vida de santos e mártires, referindo-se a uma história fabulosa. Portanto, lenda é uma narrativa transmitida oralmente, que trata de fatos admiráveis, pautados na imaginação, que são misturados a fatos reais, gerando interessantes

histórias em base de fantasia. Antes da escrita, essas estórias eram contadas ao redor de fogueiras, passando a constar de livros, na forma de contos escritos, apresentando referência cultural, e sendo pautadas em tradições e mitos misteriosos. As lendas podem ser de dois tipos distintos: 1) explicação de situações ou acontecimentos sobrenaturais que, muitas vezes, partem do imaginário e não encontram respaldo no conhecimento científico, ou por ele não ocorrer ou por ser desconhecido; e 2) apresentar um fundo moral, geralmente vinculado a ensinamentos de como orientar procedimentos e comportamentos. Assim, é importante destacar que uma lenda pode ter algum fundo de verdade, mas que se transformam com o tempo, o que explica a máxima da frase “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Como exemplos, temos a *Lenda do Ataíde*, oriunda de Bragança (PA), que consiste em um ser masculino caracterizado por possuir um pênis enorme, ao ponto de ser, dependendo da narrativa, citado como envolto ao pescoço da criatura ou deixando rastro sobre o sedimento do manguezal. Entre outras, contam estórias sobre a *Vovó, Pai e Mãe do Mangue*, que fazem parte do arcabouço cultural brasileiro. O Brasil, por ser um país multicultural e diverso, desde seu período colonial, apresenta grande riqueza de costumes e saberes de comunidades tradicionais, como também é o caso daquelas situadas em regiões litorâneas, próximas a manguezais.

Mito, por outro lado, é radical de mitologia, relatando estórias de personagens fabulosos ou heróicos, geralmente com cunho simbólico. Trata-se de uma narração de caráter fantástico, envolvendo o sobrenatural e artifícios explicativos da realidade ou da natureza não compreendidos pelos povos antigos. Assim, os mitos podem explicar a origem do mundo, os fenômenos da natureza e o simbolismo de situações ou processos, com base em figuras míticas (deuses e semi-deuses), sem qualquer embasamento para aceite como verdade. Exemplos clássicos são as mitologias *Grega* ou *Nórdica*. Contudo, no Brasil existe a inclinação de abordar a mitologia *Indígena* e de influência *Africana*, desconhecida por muitos e subestimada por séculos por uma história eurocêntrica.

Mesmo considerando os diferentes povos indígenas, separados temporal e geograficamente, constata-se o riquíssimo panteão de divindades mitológicas, todas com íntima ligação com as forças da natureza. E é esse conhecimento acerca da natureza que tem estreita ligação com o sobrenatural das lendas, mitos e curiosidades dos manguezais. Vale ressaltar dois pontos importantes acerca disso: primeiro, que não nos cabe aqui ter uma abordagem maniqueísta entre supostas *Verdades* e *Mentiras*, do que se é contado no folclore profícuo e fecundo; por segundo, é o respeito pela credice alheia, posto que para essas pessoas que contam e, sobretudo, vivem essas histórias, o sobrenatural é real, portanto o que na visão do cientista é quimera, para esses primeiros é vivido à flor da pele e nas reminiscências de cada indivíduo. Ademais, o foco se envolve em retirar e deliciar a polpa dessas histórias e estórias curiosas, do conhecimento e visão de mundo, das pessoas que vivenciam essas experiências nesses ecossistemas costeiros. Em suma, *Lendas* e *Mitos* possuem um ponto convergente, por representarem narrativas, amiúde, exageradas pela imaginação popular ou pela tradição do lugar.

VOVÓ DO MANGUE



A origem do nome está ligada a uma lenda local de Maragojipe (BA), cultuada pelos pescadores, que dizem que a Vovó do Mangue é uma velha rabugenta que castiga aqueles que fazem mal ao manguezal. Os pescadores costumam sempre oferecer charuto, aguardente e um dente de alho para a velhinha, o que fazem antes de saírem para pescar, evitando que se percam no manguezal (Rocha, 2010).

Segundo eles, a Vovó do Mangue é uma velha encarquilhada (enrugada), de pele escura e uma perna só, sempre de lenço na cabeça e com um cachimbo ou charuto na boca, vestida de molambos (farrapos), que habita os manguezais de Maragojipe, protegendo-os contra os que desejam destruí-los. Para aqueles que lhe dão algum agrado, a Vovó do Mangue protege e ensina o caminho de volta, diferente do que ocorre com aqueles que devastam a vegetação do manguezal ou matam indiscriminadamente sua fauna, quando torna-se rabugenta e impiedosa, fazendo com que fiquem desorientados e se percam no meio do mangue, como castigo. A Vovó do Mangue é associada a Nanã, entidade do candomblé, que é a deusa dos mistérios e Orixá das Águas Paradas, bem como protetora dos manguezais, lagos e pântanos.

NANÃ



Nanã Buruku (ou Nanã, Nanã Buluku, Nanã Buru, Nanã Boroucou, Nanã Borodo, Anamburucu, Nanã Borutu), é nome dado a vodun e Orixá das chuvas, dos mangues, do pântano e da lama (barro molhado), Senhora da Morte e responsável pelos Portais de Entrada (reencarnação) e Saída (desencarne).

Diversas lendas são contadas sobre Nanã. Uma delas conta que, no início dos tempos, os pântanos cobriam quase toda a terra, e como senhora das Águas Paradas e da lama, todos faziam parte do reino de Nanã Buruquê, que era tida como uma boa soberana. Quando Olorum dividiu todos os reinos e os entregou aos orixás, uns passaram a adentrar nos domínios dos outros e muitas discórdias passaram a ocorrer. Foi nessa época que surgiu esta lenda. Ogum precisava chegar ao outro lado de um grande pântano, pois lá havia uma séria confusão que dependia de sua presença urgente. Resolveu então atravessar o lodaçal para não perder tempo. Ao começar a travessia, que seria longa e penosa, ouviu atrás de si uma voz autoritária:

– Volte já para o seu caminho rapaz!

Era Nanã, com sua majestosa figura matriarcal, que não admitia contrariedades.

– Para passar por aqui tens que pedir licença!

– Como pedir licença? Sou um guerreiro, preciso chegar ao outro lado urgente. Há um povo inteiro que precisa de mim.

– Não me interessa o que você é e nem sua urgência me diz respeito. Ou pede licença ou não

passa. Aprenda a ter consciência do que é respeito ao alheio.

Ogum riu com escárnio.

– O que uma velha pode fazer contra alguém jovem e forte como eu? Irei passar e nada me impedirá!

Nanã imediatamente deu ordem para que a lama tragasse Ogum para impedir seu avanço. O barro se agitou e, de repente, começou a se transformar em grande redemoinho de água e lama. Ogum teve muita dificuldade para se livrar da força imensa que o sugava. Todos seus músculos se retesavam com a violência do embate. Foram longos minutos de uma luta sufocante. Conseguiu sair, embora não tenha conseguido avançar, mas apenas voltar à margem de onde havia partido. De lá gritou:

– Velha feiticeira, você é forte, não nego, porém também tenho poderes. Encherei esse barro que chamas de reino com metais pontiagudos e nem você conseguirá atravessá-lo sem que suas carnes sejam totalmente dilaceradas. E assim o fez. O enorme pântano se transformou em uma floresta de facas e espadas que não permitiriam a passagem de mais ninguém. Desse dia em diante, Nanã aboliu de suas terras o uso de metais de qualquer espécie. Ficou furiosa por perder parte de seu domínio, mas intimamente orgulhava-se de seu trunfo:

– Ogum não passou!

PAI DO MANGUE



O Pai do Mangue é uma lenda tipicamente nordestina, narrada principalmente pelos moradores dos arredores dos manguezais de Pernambuco. No entanto, muitas “aparições” dessa entidade também são relatadas nos manguezais da Paraíba. As descrições do Pai do mangue variam de lugar para lugar, mas, no geral, são muito parecidas com aquela relatada por Galvão-Neto (2010), conforme segue:

“Reza a lenda que o Pai do Mangue é um homem com fisionomia de velho, que traja roupas de pescador e usa um chapéu que impede observar sua face, ao mesmo tempo, ele fuma um

cigarro que nunca se apaga. Para o Pai do Mangue não ficar zangado ao adentrar o mangue, é necessário levar e oferecer a ele um pouco de fumo de rolo, para que fique satisfeito. Caso contrário, através de luzes e assobios, o Pai do Mangue pode confundir o pescador fazendo ele se perder dentro do manguezal. Segundo a lenda, as pessoas que acreditam e respeitam o Pai do Mangue podem ser agraciadas por ele com pesca farta”.

Há quem diga, com extrema certeza, que ele é um ser invisível que governa as vegetações ribeirinhas. Muitos pescadores contam que, quando entram no mangue podem escutar as suas passadas, extremamente lentas, na água rasa.

Entre os contos e causos dessa figura mística, Beltrão (2016) relata que: “Certa vez, dois pescadores resolveram partir para o mangue na intenção de conhecer/explorar as margens e pescar. Chegando lá, mexeram em tudo que encontraram e falaram palavrões. Quando começou a escurecer, resolveram voltar. No retorno, a terra começou a se mover e o mangue foi fechando, fechando, até os sujeitos ficarem presos. O Pai do Mangue, enraizado à própria vegetação, começou a chicoteá-los, só os soltando depois de muita surra”. Esse autor menciona, ainda, sobre os moradores do Bairro da Torre, que residem próximo aos manguezais do Rio Capibaribe, em Recife (PE), que dizem conviver com esse personagem, relatando que “Nessa margem há um ponto onde barqueiros fazem a travessia das pessoas que precisam chegar ao outro lado, no cais do bairro da Jaqueira. Isso durante o dia. Quando cai a noite, o local fica deserto e sombrio. É quando a vizinhança percebe a presença sinistra do Pai do Mangue, que caminha na lama e solta gritos medonhos”.

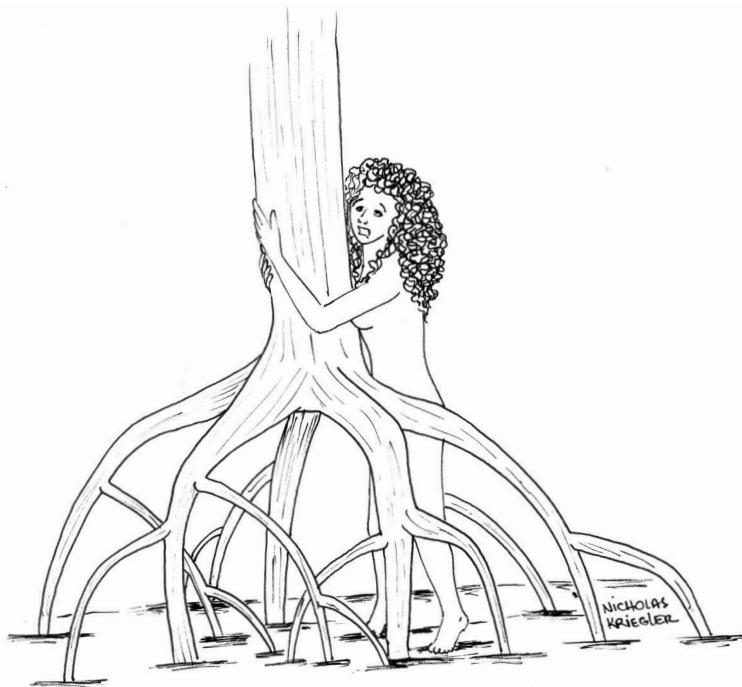
GUAJARA



O Guajara é uma entidade zombeteira (brincalhona), muito conhecida do povo Tremembé, (grupos indígenas que atualmente vivem em certas regiões do estado do Ceará). Esta entidade também é conhecida como Duende dos Manguezais, Guari e Pajé do Rio, habitando os mangues de Almofala, no Ceará. Esse “fantasma” travesso açoita os cães e imita sons variados (p. ex., vozes

de animais, ruídos de caçador, árvores sendo cortadas, coletores de mel, etc.), tudo para zombar e se divertir com o temor que causa. Dizem que, algumas vezes, assume a forma de um pato, quando entra nas casas, onde brinca e assusta pessoas. Os pescadores relatam que se alguém sair para pescar no mangue e, de repente, começar a escutar barulhos estranhos, sons de machado, gritos ou assobios, deve voltar para casa imediatamente, pois é sinal de mal-agouro do Guajara e aviso de que, neste dia, a pescaria será ruim. Caso o pescador insista e desobedeça, será castigado com febre e dores no corpo todo, como se houvesse sido açoitado pelos galhos do mangue que o Guajara carrega na mão. Assim, para escapar de ser atormentado, o caranguejeiro ou pescador deve sempre levar um pouco de fumo e colocar nas raízes do mangue como oferenda.

MOÇA BONITA



Contam que essa história é dos tempos dos grandes engenhos, onde, na zona sul de Recife (PE), vivia uma sinhazinha de pele clara, rica e muito bonita. Certa noite, a moça passeava sozinha nas proximidades do manguezais daquela localidade quando foi perseguida por Exu (entidade do candomblé associada a travessuras, fidelidade e justiça). Na tentativa de escapar, ela entrou nos manguezais onde desapareceu, tornando-se encantada. Outros dizem que, na verdade, ela não fugia de Exu, mas de seu marido extremamente ciumento, que acreditava que ela o havia traído. E ao fugir desse severo homem, ela se encantou nos mangues. Ainda existem versões de que ela se perdeu ao passear no manguezal, e quando foi encontrada por seus familiares estava abraçada às raízes do mangue-vermelho, já sem vida. Mas, o fato se tornou ainda mais triste e assustador devido ao seu semblante aterrorizado. Em seu rosto notava-se total desespero e não se sabe o

que a moça possa ter visto que a deixou assim.

Independente da versão, o fato é que a moça bonita virou assombração e vaga até hoje pelos manguezais do Pina, em Recife (PE). Nas noites de lua cheia ela aparece com um vestido branco ou completamente nua, atraindo homens desavisados, que ao adentrarem o manguezal atrás dela desaparecem na lama. Quem tem sorte apenas vê seu vulto esmaecer diante dos seus olhos. Dizem também que o espírito da jovem protege os animais, principalmente os caranguejos, devendo ser por isso que eles são os maiores da região. Então, cuidado, os que ousam andar sozinhos no manguezal correm o risco de encontrar a Moça Bonita.

ATAÍDE



Segundo Furtado (2012), o Ataíde é um ser negro monstruoso, com jeito de homem, mas imenso (maior do que um homem médio com os braços estendidos), possui ventas de porco, corpo feito (ou coberto) de lama e órgão genital (pênis) bastante avantajado, chegando a encostar ao chão. Segundo a população, esse ser habita as várzeas, alagados e os manguezais por todo o litoral do estado do Pará, desde o município de Vigia (oeste) até o município de Viseu (leste). Trata-se de um ser gigante, com mais de dois metros de altura, de forma assemelhada com similar à dos seres humanos, porém todo feito ou coberto de lama. Dizem que quando ele caminha, arrasta seu órgão genital pelo sedimento, gerando um rastro característico pelo seu percurso, ou mesmo pode trazê-lo enrolado ao pescoço.

Segundo diz a crença, ele não faz mal àqueles que sobrevivem dos manguezais (p. ex., extraíndo o caranguejo de forma sustentável), entretanto, para aqueles que não respeitam o soatá (fenômeno também conhecido como “andada” – período de acasalamento do caranguejo-uçá,

quando é proibida a extração deste crustáceo), sua vingança é terrível e brutal. Os desafetos do Ataíde são simplesmente estuprados, impiedosamente. É claro que até hoje ninguém se orgulha de ter encontrado este ser, mas muitos dizem que por pouco não escaparam, já que suas vítimas são levadas à morte e encontradas penduradas nas árvores, geralmente raízes de mangueiro (mangue-vermelho - *Rhizophora mangle*) ou em siriubeiras (mangue-preto - *Avicennia germinans*).

De acordo com inúmeros relatos, apesar do Ataíde ser uma figura oriunda dos manguezais, ele também poderá atacar pescadores que tapam igarapés com redes ou que colocam espinhel nos estuários. Existem relatos de também investir contra ranchos que servem de abrigo para catadores de caranguejo “de baixada” (que passam 2-3 dias sem retornar para suas casas) ou para pescadores que se aventuram no mar a semana toda e retornam para suas residências somente nos finais de semana.

Vale ressaltar que não existe um bom senso sobre a fisionomia do Ataíde, uns até chegam a afirmar que seu corpo é coberto de pelos, outros comentam que ele anda acompanhado de outro ser do sexo feminino, sendo, algumas vezes, denominado Sarambuí. Contudo, o Ataíde é muito citado nas rodas de causos da população interiorana do litoral paraense.

CAIPORA



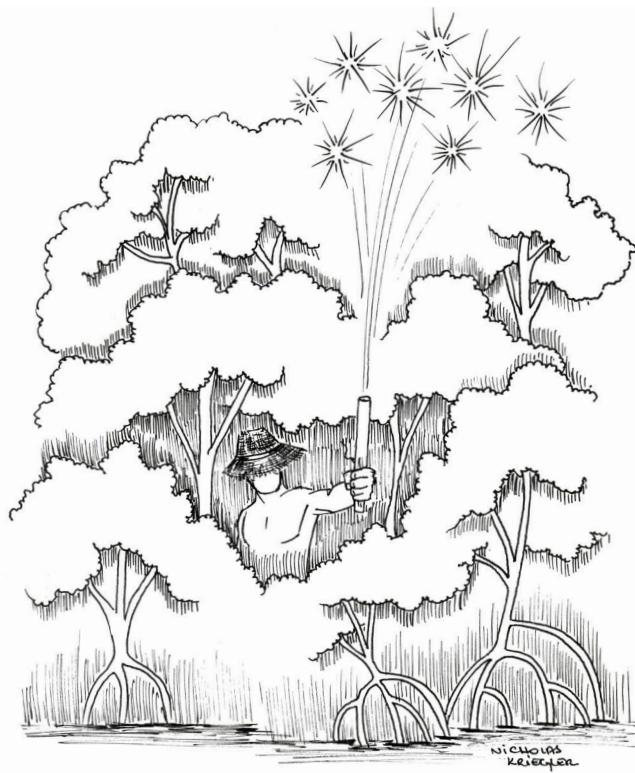
Segundo Benatte (2010), Caipora é uma entidade mitológica de origem tupi-guarani, onde *caapora* significa “habitante do mato”. Habita áreas florestadas, onde protege os animais e persegue/extermina caçadores que não cumprem regras para a caça. Assim, o Caipora é uma entidade protetora dos animais e das florestas, existindo relatos de muitos “encontros” com esse ser mítico por pescadores e carangueeiros que frequentam os manguezais. Segundo conta

a lenda, a atividade do Caipora consiste em amedrontrar os que tentam caçar, capturar ou fazer qualquer mal aos animais e à vegetação. Para isso, desorienta aqueles que penetram a floresta, deixando-os “mundiados” (perdidos e sem conseguir se localizar), mesmo estando perto das vilas e comunidades. Dizem que é fácil perceber quando o Caipora se aproxima, pois vem assobiando e mexendo nas árvores, promovendo barulhos característicos (“pista falsa” sobre animais que ali são caçados), fazendo com que a pessoa se perca.

Nas regiões norte e nordeste do Brasil esse ser é reconhecido na figura de um pequeno índio de pele escura, extremamente ágil e nu, embora esta descrição possa ser mais assustadora, causando ainda mais medo e respeito pelos caçadores. Entre elas, pode ser descrito como um pequeno caboclo coxo, com um único olho na testa, montado em um porco selvagem, enquanto na região sul consta ser um homem gigante e peludo, com vasta cabeleira e dotado de extrema força física. Para outros, a entidade é uma mulher perneta que se desloca aos saltos, uma criança de cabeça desproporcionalmente grande ou um anão com cabelos vermelhos, orelhas pontudas e dentes esverdeados, uma tipo de “Curupira”, embora, neste caso, não possua os pés voltados para trás.

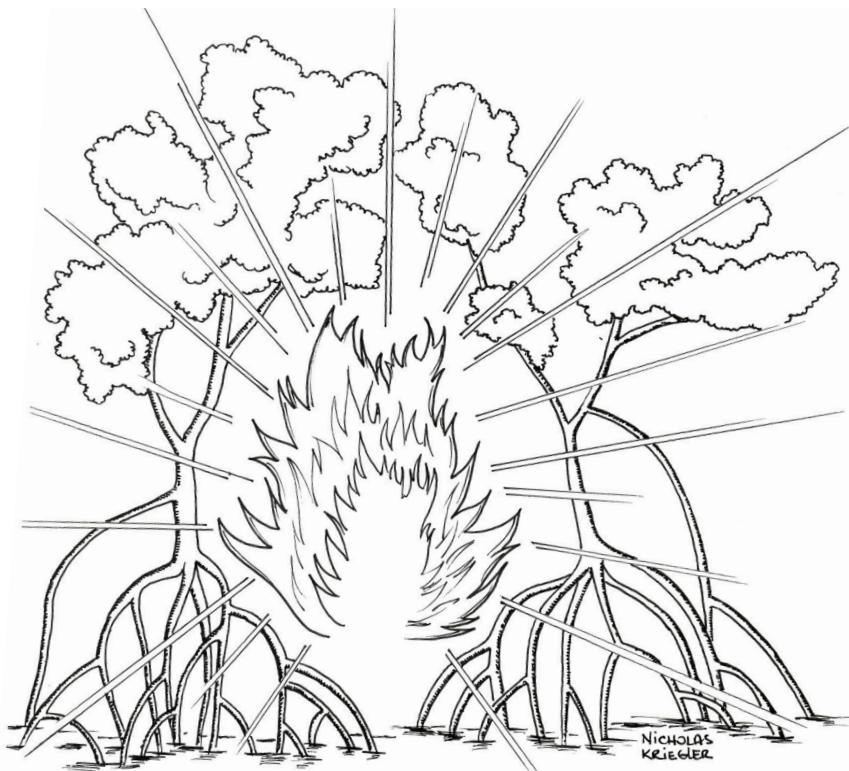
Em São João da Ponta, no nordeste paraense, conta-se que o Caipora mora nos buracos dos troncos das siriubeiras. Seu Lázaro Costa, morador do município, narrou uma história de família, que menciona fato ocorrido com seu primo, que trabalhava sozinho no mangal (denominação dada aos manguezais naquela região), que faleceu logo após o Caipora roubar sua sombra como punição por ter colocado fogo em grandes siriubeirais que encontrou no caminho (Rodrigues, 2013). No entanto, alguns caçadores oferecem fumo e bebida a essa entidade, em troca da boa caça, porém sem que ocorram maltratos animais ou a morte de fêmeas prenhas. O fumo, por exemplo, é oferecido sobre o tronco de uma árvore logo ao se entrar no mangal, quando é dita a seguinte frase: “Toma Caipora... e deixa eu ir embora!”. No entanto, trata-se de uma entidade traiçoeira, não cumpridora de sua palavra, e mesmo recebendo tais oferendas, esquematiza ciladas ao caçador, sobretudo àquele que abate animais além de sua necessidade. Afugenta as presas, espanca cães farejadores, desorienta o caçador simulando ruídos dos animais na mata e até pode reviver animais mortos, assustando ainda mais o caçador. Isso se não for morto e lhe servir de alimento, pois alguns garantem que o Caipora é canibal.

PISTOLEIRO DO TARANA



Contam que na região do Tarana, uma área de pesca na foz do Rio Caeté (Bragança, PA), um ser misterioso solta “fogos de artifício” durante algumas noites do ano. Na verdade, pessoas que já presenciaram esse fenômeno, dizem que parece ser causado por “disparo” no interior do manguezal, embora não seja acompanhado do som característico, mas a ele se assemelha tanto no formato como pelas cores. No Pará, certos tipos de fogos de artifício são conhecidos popularmente como pistolas, motivo pelo qual o fenômeno é denominado “Pistoleiro do Tarana”. Seu Elder do Rosário, pescador e morador da Vila do Bonifácio (Bragança, PA) relatou ter visto pessoalmente essas luzes no mangue. Disse que muitos já se arriscaram adentrar o mangue seguindo a direção das luzes, no intuito de descobrir quem os “disparava”, mas isso sempre foi em vão. Nunca encontraram ninguém, mesmo quando estavam próximos ao local. Outros também relatam um tipo de luz que aparece dentro do mangue, mas como um único ponto, que atrai a atenção do caranguejeiro ou pescador, que começa a segui-la como se estivesse em transe e, quando “desperta”, pode estar prestes a se acidentar em quedas de barrancos ou a afundar em atoleiros. Essa luz é classificada por eles como uma “mísura”, ou seja, uma entidade que gosta de fazer mal às pessoas, diferente das “visagens” que podem apenas proteger o manguezal, castigando aqueles que degradam o ambiente.

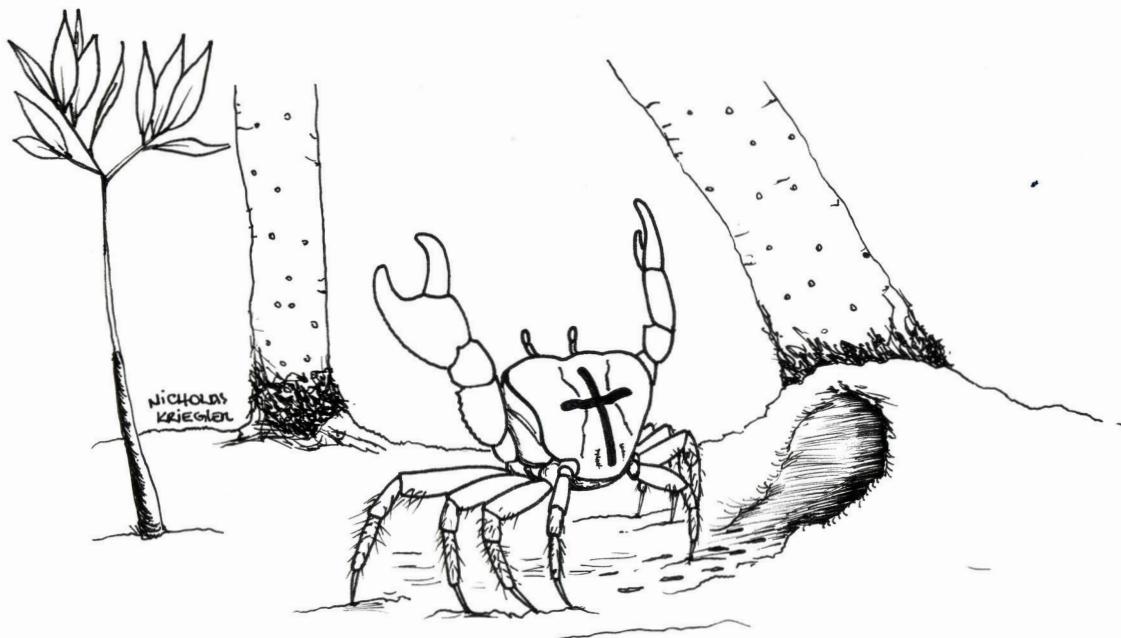
O BATATÃO



A denominação é entendida por ser uma batata de grande porte por aqueles que descohecem a narrativa, pois, na língua tupi, o termo Batatão vem da expressão *mbaê-tata*, que significa coisa de fogo, ou *mboa-tata*, que significa cobra de fogo. O Batatão é uma lenda muito conhecida no nordeste do Brasil, embora narrativas similares ocorram em todas as regiões brasileiras. Em alguns lugares, esse fenômeno é também conhecido por Boitatá, Baitatá, Bitatá, Fogo-fátuo, Fogo Corredor e, até mesmo, de “Fogo da Comadre com o do Compadre” (explicação a seguir). É também muito similar a lenda do Pistoleiro do Tarana, sendo descrito, principalmente, como uma bola de fogo que afugenta as pessoas, perseguindo os desavisados durante a noite ou vagando em trajeto errante com sua luz brilhante.

Esse fenômeno luminoso aparece nas matas e nos manguezais, especialmente nos lugares mais úmidos, e quem vê sua luz à noite pode ficar cego ou enlouquecer. Muitas pessoas afirmam que o fenômeno é apenas uma alma penada que está pagando seus pecados, o que em Portugal é denominado “alminhas”. Quando o Batatão é visto em dobro, vagando ou girando pelos ares, é chamado de “Fogo da Comadre com o do Compadre”, com beleza reconhecida, mesmo sendo absolutamente estranho em seu brilho intenso nas cores rubra (vermelha) e esmeralda (verde).

CARANGUEJO AMAZÔNICO



Esta lenda é de autoria de Barbosa (2013), que conta sobre a origem do caranguejo-uçá, que também é chamado de caranguejo-do-mangue ou caranguejo-verdadeiro. Diz a lenda que: “Era tempo de inverno e a região do baixo Araguari sofria com o mau tempo. Eram chuvas intermináveis que se prolongavam por semanas. E a enchente provocada pela invasão das águas salgadas, trazidas pela pororoca, completava o caos vivido por uma humilde família de pescadores, às margens do indomável Oceano Atlântico. Já não se podia pescar por dias, pois a bravura do mar estraçalhava quem ousasse enfrentá-lo. E as poucas gurijubas salgadas estavam perto do fim. Já não tinham mais pó de café, açúcar e farinha, pois o isolamento do local e o mau tempo os impediam de chegar até a sede do Amapá para fazerem compras.”

Os dias se passaram até que nada mais restou. Desesperado, Seu Bebé, chefe daquela família, tomou uma importante decisão. Reuniu-se a todos e disse:

– *Não podemos esperar o tempo mudar. Estamos sem mantimento e já estamos passando necessidade. Tenho que sair em busca de comida no mar.*

Sua esposa o contestou, dizendo:

– *Mas sair com esse mau tempo é muito perigoso!*

Mas todos os conselhos de Dona Maria foram em vão. Bebé colocou a malhadeira e o espinhel em seu batelão à vela e sumiu por entre as pesadas chuvas.

Apesar de ser pai de sete meninos, preferiu não levar nenhum deles, dizendo:

– *Caso aconteça algo, a desgraça será menor.*

Como a chuva era tanta e o sol estava encoberto pelas nuvens negras, passava-se o dia todo com as lamparinas acesas para iluminar o ambiente. Sem outro medidor de tempo que não fosse os sinais naturais, aquela família se desesperava à medida que a maré secava. Passou-se a noite e

nenhum sinal do Seu Bebê. Para consolo daquela família, naquela manhã a praia em frente da casa amanheceu tomada por uma espécie de um animal com casco e patas, nunca vistos antes por aquelas bandas. Como não se tinha outra coisa para comer e a fome era tanta, as crianças juntaram os animais e pediram para que sua mãe os cozinhasse. Só que na hora em que Dona Maria os lavava para por na panela, uma imagem naqueles pequenos animais abalou suas estruturas emocionais. Logo um grande arrepião lhe tomou o corpo. Assustada, ficou emudecida e apenas as lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto. Não era para menos, pois ela acabara de reconhecer o corpo de seu esposo esculpido no casco daqueles animais.

Muito chocada, Dona Maria cozinhou aqueles animais e, para não causar pânico nas crianças, tirou todos os cascos antes de por na mesa para seus filhos comerem. Naquele dia, Dona Maria não comeu, pois se recusava a acreditar que poderia estar comendo a carne de seu marido. Mas como a fome só aumentava com o passar do tempo, Dona Maria teve que ceder aos seus credos. E foi graças àqueles animais que puderam sobreviver ao tenebroso inverno.

Passado o mau tempo, os filhos de Seu Bebê quiseram sair pelo mar em busca do pai, mas Dona Maria sabendo que seria em vão, resolveu revelar toda a história aos seus filhos que ficaram arrasados. E para esclarecer toda aquela situação, Dona Maria mandou chamar o melhor pajé da região para fazer um serviço em sua casa. Dizem que o espírito de seu Bebê baixou no corpo do pajé e falou que no dia em que saíra para pescar, seu batelão foi arrastado pela pororoca e que, em seu último minuto de vida, pediu a Deus que não tornasse sua morte em vão. Foi então que Deus resolveu transformar o seu corpo em caranguejos para poder alimentar a sua família.

Graças a esse milagre divino, aquela família sobreviveu e cresceu. Hoje formam uma grande Vila Oceânica com o nome de Sucuriju, distrito do município de Amapá, que, ainda isolada dos centros urbanos, até hoje sofre com a falta de investimentos públicos para a melhoria da qualidade de vida daquela população, principalmente com o abastecimento de água potável e remédios. Mas o legal disso tudo é que os caranguejos se multiplicaram pelos manguezais da redondeza e tornaram-se um dos principais alimentos e fonte de renda daquele povo. Pena que a captura descontrolada da espécie, feita por pessoas não ligadas à comunidade, tem provocado a escassez de caranguejos naquela região nos últimos anos. E para quem não acredita nesta história pegue um caranguejo da Vila de Sucuriju do Amapá e você verá o corpo de seu Bebê perfeitamente esculpido em seu casco”.

CRIAÇÃO DO CARANGUEJO

Diz uma velha lenda do povo Tremembé (primeiros habitantes da região do Delta do Parnaíba) que o caranguejo era um belo príncipe indígena chamado Lupã, que costumava se entregar à luxúria e aos prazeres da carne.

Um dia, a Deusa do Amor o fez apaixonar-se por uma linda índia chamada Yaramey, que também o amava. Lupã, no entanto, prosseguiu com sua vida libidinosa, e Yaramey preferiu dar cabo de sua própria vida a ter de aceitar a infidelidade de seu amado. Assim, ela subiu no galho mais alto de uma grande árvore de mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*), existente à margem do rio, e de

lá atirou-se na lama, de onde nunca mais emergiu.

O belo príncipe Lupã, até então carente de princípios, ao saber da morte de sua amada, arrependeu-se de todo sofrimento que lhe causara e pediu à Deusa do Amor que lhe desse os meios para procurar Yaramey.



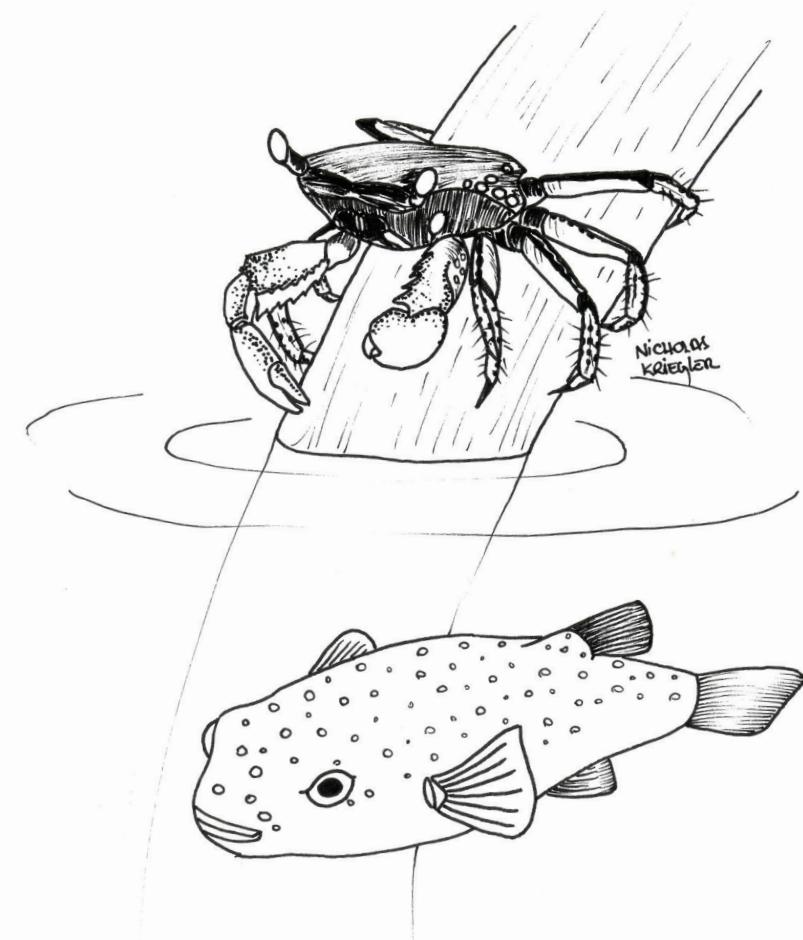
A Deusa, então, atendeu seu pedido e o transformou no primeiro caranguejo do Delta do Parnaíba, passando Lupã a viver somente da lembrança de sua amada, se alimentando das folhas da *Rhizophora* e cavando buracos na lama numa busca incessante, com o único objetivo de reencontrar seu grande amor.

Finalmente, para nunca se esquecer da imagem nua do lindo corpo de Yaramey, Lupã resolveu tatuá-lo em sua própria carapaça. Essa figura se perpetuou através de todas as gerações posteriores do caranguejo-uçá e, até hoje, a vemos perfeitamente estampada na carapaça (= casco) dos caranguejos machos.

O BAIACU E O ARATU

Essa história é de um tempo em que nem o Aratu (*Goniopsis cruentata* – também chamado de Caranguejo Maria-Mulata) e nem o Baiacu (*Takifugu sp.* – também denominado Peixe-Balão) possuíam pintas sobre seu corpo; ambos eram de uma cor só. Conta a lenda que o baiacu pediu ao aratu que pintasse o seu corpo para ficar mais bonito. O Aratu respondeu que o pintaria com

todo prazer, se fosse pintado primeiro, pois também queria ficar bonito. Assim, o Baiacu, com toda a boa vontade, pintou o aratu o mais bonito que pôde, desenhando bolinha por bolinha com muito esmero. Quando foi a vez do baiacu o carnaval estava começando e ele com pressa de jogar-se na folia pintou o baiacu o mais rápido que pôde e sem nenhum cuidado. Quando o Baiacu viu que não estava tão colorido e bonito quanto o Aratu, saiu em sua perseguição, não conseguindo alcançar o caranguejo, pois a maré estava vazando, mas jurou que um dia iria pegar o Aratu. E é por isso que toda vez que a maré enche o Aratu sobe nas árvores e se esconde do Baiacu, enquanto este fica rodeando as raízes à espera do seu desafeto.



LENDAS E RITUAIS NOS MANGUEZAIS PELO MUNDO

Segundo Vannucci (2003), são comuns os cultos às árvores e florestas em alguns manguezais pelo mundo, principalmente na Ásia. Oferendas são depositadas aos pés de árvores mais velhas e veneráveis, conhecidas como “árvore-mãe”, e essas jamais são derrubadas. Nos manguezais da Tailândia é comum serem vistos pequenos relicários próximos aos vilarejos, no intuito de invocar proteção – e possivelmente o perdão – dos espíritos da floresta perturbados pelas atividades

humanas. Ainda, segundo esta autora, nas Ilhas Salomão (Oceania), é costume deixar os mortos nos manguezais para o seu descanso eterno, o que torna essas áreas sagradas e permitindo que sejam mantidas, por respeito, intactas.

Nos mangues de Tobor, no Senegal, a vegetação é vital para os rituais de culto dos povos indígenas da região (Presse, 2013).

Na Índia, segundo no maior contínuo de manguezais do mundo, vasto em tamanho e em riqueza cultural, os Sundarbans ocupam os deltas fundidos de dois grandes rios – Ganges e o Bramaputra – onde existem muitas lendas de deuses e demônios, sendo a mais famosa a da deusa Bon Bibi.

A LENDA DE BON BIBI

A Deusa mais importante dos Sundarbans é *Bon Bibi* (Deusa da Floresta). Diz a lenda que os Sundarbans eram dominados por um demônio muito maligno: *Dokkhin Rai*. Esse demônio tinha paixão pela carne humana e devorava todos que adentrassem seus domínios. Ele não contava que *Bon Bibi* e seu irmão, *Shah Jongoli*, seriam enviados para essas terras em missão. Os dois lutaram com o demônio, mas não o mataram e, após dominá-lo, apenas o fizeram prometer que evitaria comer carne humana. Para garantir a paz, *Bon Bibi* dividiu a selva de Sunderbans e estabeleceu os limites dos lugares onde as pessoas deveriam viver e deixou as outras partes da selva para *Dokkhin Rai*.

No entanto, o equilíbrio não durou muito, pois os seres humanos são criaturas gananciosas e sempre desejam perturbar seu acordo com a natureza. E assim, certo dia, um homem chamado *Dhoni*, que ansiava imensamente ficar rico, planejou explorar a selva onde ninguém se atrevia a ir. Contratou um rapaz como ajudante, *Dukhey*, que inocentemente o acompanhou nessa jornada perigosa. *Dhoni* invadiu e roubou as riquezas da floresta e após conseguir tudo o que queria, fugiu deixando seu ajudante. O pobre menino foi enganado e abandonado na selva. De repente um enorme corpo com a cabeça de um tigre apareceu diante dele, era *Dokkhin Rai*. O rapaz sentiu arrepios por todo corpo e um pavor tremendo. Em um momento de clareza lembrou que sua mãe havia lhe aconselhado, quando estivesse em perigo na floresta, a chamar pela deusa *Bon Bibi*. Assim ele fez, gritando o mais alto que pôde e com toda a esperança que tinha. Seu clamor ecoou através da floresta de manguezal e *Bon Bibi* veio em seu socorro, resgatando o garoto das garras de *Dokkhin Rai*.

Até hoje, quando as pessoas entram nas florestas de Sundarbans, elas sempre oram para *Bon Bibi*, primeiro com o desejo de que ela lhes proteja. Seu irmão, *Shah Jongoli*, também tem seu lugar em orações, e os tigres de Bengala, típicos desse local e famosos por caçarem pessoas, são chamados de *Dokkhin Rai*.

CRENDICES POPULARES ENVOLVENDO OS MANGUEZAIS

- Comer a ponta da raiz do mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*), enquanto ainda está brotando, alivia dores de barriga e a diarréia;
- A seiva do mangue-preto (*Avicennia sp.*) ajuda a curar dores de dente quando é colocada diretamente sobre o dente dolorido;
- O turu (*Teredo sp.*), conhecido como “viagra-do-mangue”, é um molusco bivalve alongado, que vive dentro de troncos de árvores apodrecidos sob o sedimento do manguezal. Para muitos esta iguaria é considerada afrodisíaca, sendo também chamada “levanta defunto”;
- Nos maguezais do Amapá uma credice muito popular entre os meninos consiste em capturar um tralhoto – peixe de quatro-olhos (*Anableps anableps*), da família Anablepidae – e dar “batidinhas” com este peixe sobre o órgão genital, possibilita que ele cresça e fique do mesmo tamanho do tralhoto utilizado no ritual;
- Chupar o abdômen (ou “umbigo”) do caranguejo, ajuda aqueles que tem problemas em fazer xixi na cama;
- É tradição para quem come caranguejo “chupar” a carapaça para retirar a carne que fica presa. Mas se ao invés de sugar, a pessoa soprar, trará azar ao catador que pescou o caranguejo comido, que nas próximas pescarias só encontrará caranguejos cada vez mais fundo na lama;
- Nas vilas pesqueiras dizem que, ao comer siri, não se pode dar os restos para os cachorros dentro da carapaça, pois se o bichinho comer na casca do siri ele ficará muito bravo e desobediente;
- Jamais ouse comer o caranguejo chama-maré (pequenos caranguejos anteriormente agrupados no gênero *Uca*), pois quem o fizer será acometido de febre;
- Entrar em igarapé ou no manguezal sem perdir licença pode dar febre ou azar;
- Levar um dente de alho no bolso ajuda a proteger das “visagens” do mangal;
- Não se deve matar baiacus porque seu aparecimento no mangue traz dinheiro;
- Ao querer se livrar de uma verruga, basta esfregar o ventre de um baiacu vivo sobre a mesma até que saia sangue. Depois é só soltar o animal e esperar uns dias e a verruga cairá;

Pesquisar sobre fenômenos que permeiam o imaginário popular, pode trazer luz à influência que estes têm na formação da identidade, na relação com o meio, e contribuir para entender como afetam as questões de território e territorialidade. São melhor compreendidos como entidades que fazem parte de seu cotidiano, dão sentido às suas expectativas e estimulam o desenvolvimento da personalidade e da cidadania, em função da exigência de respeito ao ambiente e ao caráter, imposta por essas entidades (Assad, 2014).

*“(...) Eles todos vivem lá. O Mangue tem dono, o igarapé tem dono, a floresta tem dono. Tudo tem dono. Então, quando for entrar, peça licença.” – **Seu Castro, Pescador e morador da Vila do Castelo, em Bragança (PA).***

BIBLIOGRAFIA

- Assad, P. 2014. *Comadre Fulozinha e Pai do Mangue: sua influência na formação da identidade, território e territorialidade na Comunidade do Porto do Capim*. Universidade Federal da Paraíba - UFPB/CCEN, João Pessoa – PB, 76p. (Monografia de graduação em Geografia).
- Barbosa, P. 2013. *A Lenda do Caranguejo Amazônico*. Disponível em: <http://paulino-barbosa.blogspot.com.br/2013/08/a-lenda-do-caranguejo-amazonico.html>. [Acessado em 19/04/2017]
- Beltrão, R. 2016. *O Pai do Mangue*. Disponível em: <http://www.orecifeassombrado.com/assombracoes/o-pai-do-mangue/>. [Acessado em 18/04/2017]
- Benatte, A.P. 2010. *A trilha do caipora*. Revista de História, Rio de Janeiro: 76-79.
- Blog Fratelo. 2010. *Nanã e Ogum*. Disponível em: <http://www.fratelobh.com.br/artigos/nana-e-ogum/>. [Acessado em 20/05/2017]
- Blog Esoteric. *Legend of the Suderbans - Bon Bibi - One Goddess, Two Religions*. Disponível em: <http://www.freebsd.info.sk/esoteric/bonbibi.htm>. [Acessado em 28/05/2017]
- Blog Linhas das Águas. 2014. *Nanã – A sabedoria*. Disponível em: <http://linhadasaguas.com.br/nana-a-sabedoria/>. [Acessado em 20/05/2017].
- Cascudo, L.C. 2009. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Global Editora, 486p.
- Francisco, N. 2013. *Lenda e Mitos Região Nordeste - Guajara*. Disponível em: <https://ofolclorebrasileiro.wordpress.com/lendas-e-mitos-regiao-nordeste/>. [Acessado em 15/05/2017]
- Furtado, I. 2012. *A Lenda do Negro Ataíde*. Disponível em: <http://visagento.blogspot.com.br/2017/05/lenda-do-negro-ataide.html>. [Acessado em 23/04/2017]
- Galvão-Neto F.A. 2010. *História de Canguaretama: O Pai do Mangue*. Disponível em: <http://historiadecanguaretama.blogspot.com.br/2010/06/o-pai-do-mangue.html>. [Acessado em 18/04/2017]
- Galvão-Neto, F.A. 2010. *História de Canguaretama: O Batatão*. Disponível em: <http://historiadecanguaretama.blogspot.com.br/2010/06/o-pai-do-mangue.html>. [Acessado em 18/04/2017]
- Jornal Pequeno Online. 2007. *A criação do caranguejo, segundo uma lenda tremembé*. Disponível em: <https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2007/03/11/a-criacao-do-caranguejo-segundo-uma-lenda-tremembel/>. [Acessado em 14/05/2017]
- Misra, P. 2009. *The Bon Bibi Legend of the Sundarbans*. Disponível em: <http://ezinearticles.com/?The-Bon-Bibi-Legend-of-the-Sundarbans&id=2827929>. [Acessado em 28/05/2017]
- MonterioW. 2000. *Visagens e Assombrações de Belém*. 3ª Ed. Belém: Banco da Amazônia S.A., 308p.
- Mulato, A. 2006. *O Guajara*. Disponível em: <http://alexandremulato.blogspot.com.br/2006/07/almofalas-trememb-o-topônimo-segundo.html>. [Acessado em 15/05/2017]
- Pereira, L.C. 2009. *Lenda de Nanã Buruquê*. Disponível em: <http://aumbandacomoelae.blogspot.com.br/2009/07/>. [Acessado em 20/05/2017]
- Presse F. 2013. *Manguezais devolvem vida selvagem à costa do Senegal*. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/09/manguezais-devolvem-vida-selvagem-a-costa-do-senegal.html>. [Acessado em 26/05/2017]
- Rocha, C. 2010. *Vovó do mangue, a lenda*. Disponível em: <http://cleorochacriacaoo.blogspot.com.br/2010/04/vovo-do-mangue-lenda.html>. [Acessado em 18/04/2017]
- Rodrigues, W.L.J. 2013. *Memórias de São João da Ponta – PA, a partir de narrativas orais*. 1ª Ed. Belém:

GEPPAM/UFPA. 178 p.

Secretaria do Turismo de Canguaretama - RN. 2012. Os Caranguejos. Disponível em: <http://secretariaturismo.blogspot.com.br/p/lendas-e-mitos.html>. [Acessado em 19/04/2017]

Secretaria Municipal de Educação e Cultura São Francisco de Itabapoana – RJ. *Lenda do mangue da moça bonita*. Disponível em: <http://textosculturadecomunidade.blogspot.com.br/2013/10/lenda-do-mangue-da-moca-bonita.html>. [Acessado em 27/02/2017]

Vannucci, M. 2003. *Os manguezais e nós: uma síntese de percepções*. São Paulo: EDUSP (Editora da Universidade de São Paulo), 244p.

